

Eixo Temático: 6. Processos do ensino e da aprendizagem. Saberes e fazeres docentes. Educação e linguagens. Metodologias de ensino e avaliação da aprendizagem. Relação professor-aluno. Questões contemporâneas de currículo. Educação e as tecnologias de informação e comunicação.

Modalidade: Trabalho Completo

LEITURA E ESCRITA COMO RESPONSABILIDADE SOCIAL

Viviane Teresinha Zapelini¹ -UNIPLAC

Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo: Este artigo será composto de uma breve abordagem comentada sobre a fundamental apropriação do ato de ler e escrever acadêmicos, estimulando e capacitando os estudantes para leitura e escrita de textos previstos para os níveis de graduação e pós-graduação. Nesse sentido é importante ressaltar o papel da universidade enquanto instituição inserida na comunidade, pois é nesse espaço também, que o estudante assimila os saberes necessários para a pesquisa e produção acadêmica levando em conta o descompasso existente entre a leitura e a escrita como processos que não são indissociáveis, contudo mantém uma relação de interdependência, onde a pesquisa e a produção do conhecimento passam pela escrita impreterivelmente para ser socializada e transformada em ciência. O presente estudo é proveniente de aulas de laboratório de escrita precedidos de leituras de textos indicados pelo professor e pesquisas bibliográficas num processo construído durante todo o período do curso de mestrado e que contribui para qualquer modalidade e nível de ensino. A leitura e a escrita se constituem em ameaça ao que se pretende preservar, dominar e controlar. Igualdade social e democracia também só serão possíveis no momento em que todos tenham acesso à leitura e à escrita. A leitura é uma arma poderosa aliada à cidadania de um povo para a transformação e superação de problemas e realidades sociais desiguais.

Palavras chave: Universidade. Leitura. Escrita. Professor. Autor.

Introdução

Martinho Lutero² foi um grande incentivador da leitura. Ele elegeu o livro como companheiro inseparável do homem. Enquanto a igreja católica se preocupava com as questões políticas e econômicas, ostentando luxo e ociosidade num período de decadência, Lutero arrebanhava fiéis fundando a igreja protestante. Ele contribuiu sobremaneira para a obrigatoriedade da

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Educação PPGE - Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC Lages - S/C E-mail: vivi2212@bol.com.br

² Martinho Lutero (1483 — 1546) monge católico agostiniano e professor de teologia germânico que foi figura central da Reforma Protestante. Se posicionou contra os conceitos da Igreja Católica veementemente contestando a alegação de que a liberdade da punição de Deus sobre o pecado poderia ser comprada, confrontando as indulgências.

escola e alfabetização do povo.

A leitura e a escrita são senhas de entrada ao mundo letrado, pois permite ao indivíduo entrar em contato com outros mundos, ampliar horizontes, desenvolver a compreensão e a comunicação, além de repertoriar o estudante (Freire, 1991). Sabemos que a universidade tem um papel importante na formação de escritores e leitores, contudo está muito longe de esgotar todas as possibilidades do ato social de ler e escrever. Cabe ao professor instigar o estudante à curiosidade da pesquisa e à ousadia da escrita para que sejam desenvolvidas as competências: leitora e escritora.

Quando Freire (1991) coloca que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, uma vez que o educando está inserido em um mundo real e em contato com vários modos de informação, estabelecendo relações com outros assuntos de seu conhecimento. Assim sendo, o sistema de ensino deve criar oportunidades para que todos os estudantes sejam introduzidos nas práticas sociais da leitura, que valorizam o livro, a cultura erudita, o saber científico e que utilizam a escrita para o desenvolvimento pessoal e do grupo ao qual pertence. No entanto, a realidade demanda maior nível de exigências do que um modelo de formação prediz, os professores ficam sem entender e sem poder avaliar corretamente de que modo podem intervir na leitura e na escrita de seus acadêmicos.

O descompasso entre a leitura e a escrita

O descompasso entre a leitura e a escrita é o mecanismo de símbolos que após serem decodificados, se tornam mecânicos e automáticos. A leitura não desaprende. Enquanto que a escrita depende do parar para pensar para poder articular os seus pensamentos e os pensamentos daquele que vai ou não entender sobre a intencionalidade do escritor. Assim vimos que leitura e escrita não são indissociáveis, contudo tem uma relação de interdependência. Estas categorias quanto mais exercitadas, mais aprimoradas se tornarão, são habilidades únicas, singulares e intransferíveis da capacidade humana, como o DNA, a digital ou a íris ocular, porque em cada momento que ocorre a leitura e ou a escrita, o escritor está a denotar a dimensão do seu próprio mundo. A leitura e a escrita focalizam a criticidade e a criatividade apresentadas pelos autores como uma orquestra, como uma sinfonia. Marques, 2001, p. 45):

No ato de escrever, sinto-me dono do meu próprio texto, posso mudá-lo a qualquer momento, destruí-lo até. Quando, porém, ele ganha mundo, quando passa ao domínio público, sinto que me fugiu, emancipou-se, escapou de meu alcance. [...] é isso que faz dramático meu ato de escrever, cheio de surpresas, de temores e de alegrias.

Para o desenvolvimento da escrita é necessário que a leitura se faça presente, mesmo que sejam dois atos distintos. Partindo da leitura, seja ela de mundo, de textos diversificados, de muitos autores, a criança/o aluno/o acadêmico durante o processo de leitura consegue assimilar conceitos, teorias e ideias, atingindo níveis de autonomia, criticidade, reflexão e muita criatividade. Cabe ao professor analisar as práticas pedagógicas no processo de construção da leitura e da escrita para intermediar caminhos para que os educandos desenvolvam a habilida-

de de dar significado e contextualizar o que leem e o que escrevem.

A leitura e a escrita nesta perspectiva são primordiais para qualquer disciplina na formação efetiva do ensino aprendizagem seja nas Ciências Humanas, nas Ciências Naturais, na Filosofia, nas relações sociais e de trabalho.

O hábito da leitura e da escrita que leva em consideração as situações discursivas em que o sujeito está inserido contribui sobremaneira na construção do próprio sujeito na sua comunicação com o outro e com o mundo. As pessoas que desenvolveram o hábito e o gosto pela leitura desde pequenos, continuarão lendo sempre. Assim entende-se que o alfabetizado aprende tanto a ler como a escrever. E por que geralmente não escreve? O aprendizado da leitura permanece e o aprendizado da escrita foi pra onde? Por que se chega num curso de graduação ou de pós-graduação com defasagens na escrita, ou melhor, com problemas na hora de por tudo que foi lido no papel na hora de escrever um simples projeto, que dirá uma monografia, uma dissertação, uma tese?

Engana-se que quem lê muito vá escrever muito, não é automático. Isto desassocia a leitura da escrita. São mecanismos diferentes, mas atrelados por uma simetria vigorosa conforme relatam os autores Bianchetti (1997) e Machado (1998). O ato de ler é automático, quando não é interpretativo, num decodificar de símbolos e o ato de escrever não o é. Para escrever precisa de concatenar as ideias. Mesmo com as novas tecnologias o ato intelectual de escrever vai depender dos toques dos dedos e da fluência em conciliar o pensamento com as palavras pensadas e adequadas para o que o escritor pretende que se compreenda.

A representação simbólica da linguagem falada é a escrita, porém ela não se configura com exatidão da linguagem falada a qual possui diversos mecanismos e possibilidades na sua composição e manifestação (gestos, expressões faciais, expressões corporais, entonação, volume) e a escrita tenta se aproximar deste universo. Essa aproximação na maioria das vezes é desacelerada, dificultada ou ainda tolhida pelo verdadeiro pavor que alunos de qualquer modalidade ou nível de ensino tem ao se deparar com a folha em branco.

A alfabetização começa antes mesmo de a criança saber o alfabeto ou os numerais: no ato de recortar e colar, de brincar com papéis e tesouras e de identificar situações e gravuras. A criança desde pequena, quando estimulada, recita o alfabeto ou uma sequência numérica, contudo isto não basta para que se chegue à noção de quantidade ou a interpretação da junção das letras (Ferreiro, 2001). É imprescindível a modificação do objeto conceitual, pois o aluno ou acadêmico precisa ser despertado para refletir a realidade, contextualizar o seu pensamento com o texto apresentado para conseguir autonomia e responsabilidade na hora de pôr as ideias no papel (Freire, 1991).

Para que se estabeleça uma comunicação eficaz entre o texto e o leitor, um aprendizado, uma compreensão, há que se ter em mente: o que se tem a escrever, para quê e para quem escrever. É, portanto, mediante uma ação reflexiva crítica que é possível transformar o ensino de Línguas ou de qualquer disciplina, em aprendizado da linguagem, da escrita e conseqüentemente o interesse e o ato de novas leituras, para que a produção no meio escolar e acadêmico não só apresentem muitas escritas, mas textos consistentes. Assim como há diferentes textos, há dife-

rente leitores, diferentes leituras e diferentes interpretações, a escrita vem permeada de meios para elucidar a ideia como: citação, grifos, aspas, recortes, traduções e paráfrases formando uma trama, uma rede, compondo uma tessitura de leituras e escritas na construção do autor.

Há uma necessidade premente de desafiar a escrita com mais naturalidade, mais corrente e apreendida assim como a leitura (Bianchetti, 1997). Também se deve promover menor passividade entre o leitor e o escritor, contrapor-se, questionar os modelos para que não se transmita para a escrita como um ato apenas de copiar, repetir o que está posto. Faz-se necessário que o autor crie, inove, ouse, tenha coragem ao assumir a sua escrita como papel social dentro da universidade. Isto quer dizer socializar, por à mostra a sua produção de conhecimento através da escrita. Se não quisermos errar ao escrever e trilharmos caminhos seguros: copiemos, façamos réplicas, contudo se quisermos ser criativos os conflitos virão, contraposições serão postas e novos conhecimentos surgirão. Sem os novos conhecimentos não há ciência e sem a ciência a universidade não tem objetivo de existência.

Leitor, escrita e autoria

A dinâmica de avaliação muitas vezes é aparente, estática, conservadora, contudo há muitos bons profissionais que incentivam, estimulam e usam de incríveis estratégias para desenvolver o hábito da leitura e da escrita em sala de aula, mesmo com a covarde e injusta competição das tecnologias, incrivelmente fantásticas que deixam os estudantes preguiçosos, com textos prontos. Em contraponto à formação do professor que na maioria das vezes não consegue acompanhar o acelerado avanço dessas tecnologias certamente mais atraentes que um papel e uma caneta.

Para que se tornem autores/escritores, estudantes e professores precisam assumir um posicionamento, argumentar e defender ideias, ser flexíveis ao ponto de aceitar as críticas sem deixar a originalidade, porque os escritores devem ser formados para os outros e não para si mesmos. O ato de escrever não é uma mera reprodução do pensamento, é um parar para pensar, é um confronta-se com os autores lidos criticamente também (Machado, 1998).

No interior da universidade é que se dá a relação entre língua e ideologia, a qual se chama discurso. Assim se faz necessário lançar 'olhos de lince' nas formações discursivas e ideológicas que constituem e instituem os sujeitos da pesquisa que se pretenda formular para que se definam com clareza as ações pedagógicas na concepção sobre a linguagem e a escrita, se são contempladas como objetivos na formação do acadêmico.

A linguagem escrita é mediadora do processo interativo, social e histórico do sujeito. A autoria é um exercício onde o sujeito se torna lugar de interpretação, de discurso como prática política, debate e conflitos, consistindo num diálogo entre o autor e o leitor, em que interagem como sujeitos ativos, cada um no seu contexto sociocultural interpretativo específico. Partindo das variadas formas de leitura do mundo, o autor tece dizeres entre o 'já dito e o inédito, o que difere, é o jeito de dizer, isto é, a autoria.

O fato de escrever uma tese ou dissertação não pode ser o 'trabalho final' nem tão pouco

fazer dele um ato obrigatório simplesmente para pertencer a uma instituição, continuar seus estudos e ser reconhecido como um pesquisador científico. O ato de escrever precisa ser concebido de forma diferenciada, ser permanente em sua formação.

O escritor precisa ser autêntico, não escrevendo meramente o que seu orientador quer. Atualmente há uma gama de autores escrevendo e publicando e tendo como início de publicação, não a tese ou dissertação, mas um primeiro artigo. Os estudos e reflexões sobre a prática de escrever publicar são recentes, pois o paradigma do escrever na universidade é considerado pelos acadêmicos como um 'dom santificado' ou elitizado de intelectuais, e não mais como premissa na formação de um pesquisador.

Há circunstâncias que obstaculizam o ato de escrever como a temática a ser desenvolvida relacionada ao estudo do professor orientador da disciplina ou a forma como se desenvolvem os trabalhos de orientação. O estudante e o professor devem ter em mente que o escritor não é o único leitor para quem se escreve, consiste numa ligação indissociável escritor e leitor. Quem escreve precisa ter consciência e preocupação em garantir um escrito claro capaz de bastar-se, isto é de não ter que interromper tantas vezes a leitura para pesquisar autores citados ou até mesmo o dicionário, onde sua linha de pensamento e raciocínio seja interrompida. Diversas formas de avaliação em si e da própria escrita nas séries iniciais e no ensino médio contribuem sobremaneira como castradoras da criação escrita que refletem no mundo acadêmico. De acordo com Silva (2005, p. 13-14):

[...] deve-se combater com todas as forças a tendência corrente de entender o ato pedagógico unicamente como sinônimo de leitura. O ato pedagógico envolve sim, leituras da realidade e de textos que expressam a realidade, mas esse ato não pode ser entendido de forma tão mesquinha ou estreita. O ato pedagógico é muito mais abrangente e complexo. Tem na base, o diálogo entre professor e aluno e, no horizonte, os vários campos da cultura e do conhecimento.

O ato de ler nos faz interpretar o mundo numa nova descoberta em cada fonte de leitura. Em muitos casos, quando o escritor fica famoso, como um pintor ou escultor, os admiradores tentam a todo custo descobrir o âmago, a origem da inspiração em que às vezes nem mesmo o autor sabe. Escrever é um ato que se assemelha a uma escultura que partiu de um entalhe do escultor, ou uma tela em que a inspiração partiu de um respingo de tinta. Desta forma parte o escritor de uma palavra ou de um questionamento. A insegurança do estudante escritor vem do receio de que não supere a expectativa do orientador enquanto seu trabalho escrito de pesquisa.

Este movimento discursivo que toma a escrita na universidade como processo que convoca o aluno a se apropriar da realidade para interpretá-la, produzi-la, escrevendo o que pensa o que é e o que sente. Entendemos assim, que esse sujeito se constitui autor, à medida que se insere naquilo que produz, enquanto sujeito histórico. Segundo Foucault (1992) o autor é um leitor de leituras que permeiam sua minoria discursiva onde dialoga com uma diversidade de textos, que criam e recriam efeitos, reflexões, pensares e sentidos, se constrói uma trajetória interpretativa e um reconhecimento do próprio autor e de quem o lê.

Mas a função – autor não é na verdade, uma pura e simples reconstrução que se faz de

segunda mão a partir de um texto dado como material inerte. Os textos sempre contêm em si mesmo um certo número de signos que remetem ao autor. (Foucault, 1992, p.17).

Na maioria das vezes o aluno se sente subjugado, subalterno aos moldes que o professor apresenta em sala de aula, distanciando-o da autoria, sem responsabilizar-se pelo escrito, sem criar e sem correr riscos. São doutrinados aos ajustes da estrutura disciplinar, ao programa da universidade e ao próprio conhecimento do professor. A novidade da escrita gerará no próprio autor de forma discursiva uma surpresa ao continuamente haver uma pluralidade de significados como aponta Foucault.

Folha em branco

A postura de conviver com a vertigem da página em branco são experimentadas por milhares de graduandos nos bancos universitários, cerca de 10 mil doutorandos e 40 mil mestrandos todos os anos, porque ao se encerrar o processo de criação da produção e escrita, se engaveta um trabalho profícuo e laborioso de pesquisa e dedicação em que finalizado num título não constitui na visão do mundo dinâmico em constante movimento em que se baseou todo o caminho da pesquisa, nem tão pouco contribui para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos. Há ainda práticas de leitura e escrita que ‘congelam’, ‘petrificam’ os conhecimentos, a língua, a linguagem e a escrita. O silêncio que vem desde o ensino fundamental se mistura com o ruidoso tormento de após ter aprendido, descoberto ou mesmo ter produzido conhecimento, o acadêmico se depara com a angústia de por no papel. Segundo Andrade:

A necessidade de se escrever e de se ler na universidade para se formar o professor é arte intrínseca da relação pedagógica: todos os cursos passam pela leitura e escrita. [...] professores, entretanto abstêm-se de produzir uma racionalidade clara e tornar essa prática uma conduta regulada de forma explícita [...] passam-se quatro anos de formação e os alunos aprendem a escrever academicamente incorporam o como deve ser feito, apesar de não terem sido ensinados (2004, p. 122).

Para auxiliar no trabalho da escrita são muitos os suportes e recursos. Seria inimaginável discorrer sobre uma monografia, dissertação ou tese sem o auxílio das tecnologias propostas pelos sites de busca. A internet propicia interlocuções, amplia benefícios, potencializa o pesquisador, encurta distâncias, otimiza o tempo e os custos da pesquisa. Outro recurso é o dicionário e ou gramática, mesmo sendo de sinônimos, antônimos, etimológicos, filosóficos, se tornam indispensáveis ao pesquisador que pretende escrever com significado e gramaticalmente correto. As enciclopédias são também pontos de relevantes referências bibliográficas e históricas para trabalhos de cunho científico. Os manuais chamados também de literaturas de bolso são um compêndio de conhecimentos sintéticos e acessíveis que nos dão acesso instigante à leitura dos clássicos ou às literaturas mais aprofundadas e densas de variados temas. As revistas científicas comportam o que de mais recente há nas áreas do conhecimento científico e nos apresenta o resultado de outras pesquisas do mesmo tema em questão. Para Lourenço Filho (1946, p. 4):

Ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja sem tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será por seu lado, instrumento vago e incerto.

Os comentadores de clássicos e os próprios clássicos, além de nos embasar teoricamente, nos remetem ao contexto histórico e geográfico em que foi produzido o tema pesquisado. Os pares que são os colegas de academia, professores, vivenciadores do seu tema a pesquisar e até mesmo os interlocutores familiares contribuem certamente para o crescimento como pesquisador.

Assim, ao encontrar a página em branco o escritor deve riscar e arriscar, superar o medo, pegar os livros, parafrasear, tentar, e por no papel toda gama de leituras que o pesquisador certamente teve até o momento da explicitação, seja da produção de texto, do projeto, da monografia, da dissertação ou da tese (Machado, 1998). Passeios em bibliotecas, discussões em grupos de estudo, participação de seminários, orientações coletivas certamente contribuirão sobremaneira para o pensamento do escritor. Assumir-se como interventor da história social, posicionar-se na sua visão de mundo e ter consciência que suas buscas pelo conhecimento contribuem para seu próprio esclarecimento e para a sua socialização.

Desafios e reflexões

Ler sobre textos que problematizam a leitura e a escrita no universo escolar ou acadêmico traz reflexões pertinentes sobre o ato de ler não somente na decodificação simbólica a ser assimilada, reescrita ou repassada. Instiga o pesquisador, profissional das Letras, assim como deveria fazê-lo com outros profissionais das diversas áreas do conhecimento ou um leitor comum, a 'sacudir' a cabeça, a 'borbulhar' de ideias, a 'adentrar' no texto, a 'mexer' com os pensamentos e as palavras no afã de 'misturar' a ele a sua própria compreensão e o seu saber sobre o assunto tratado, quando houver saber. Quando não há domínio do assunto em pauta o leitor tem aí mais uma oportunidade de crescimento ampliando o seu potencial como escritor. Assim diz Marques, 2001, p.26: "Mas [...] importa o fato de que, ao escrever, estou sob a mirada de muitas leituras. Acho-me numa interlocução de muitas vozes que me agitam, conduzem, animam, perturbam".

O mundo, os homens e as coisas têm trazido a cada dia novos desafios, descobertas e curiosidades que extasiam e remetem às reflexões sobre a infinita quantidade e tipos de informações que circulam a cada instante, seja via satélite, via tv, via celular, via internet, via leitura, via relações pessoais que numa velocidade impressionante as mudanças acontecem, os conceitos evoluem, os seres se movimentam e as coisas se tornam obsoletas. A produção do conhecimento no contexto acadêmico através da escrita e da autoria constitui na oportunidade do estudante de fazer ciência, de interagir com a comunidade científica e de construir o registro da história das suas descobertas (Bianchetti, 1997).

A universidade contemporânea se defronta com o desafio de além de produzir o conhecimento, formar profissionais capazes de refletir, analisar, criar, comparar, opinar sobre as diversas manifestações culturais expressas através da linguagem. Este desafio, como já foi citado

acima, não cabe somente aos cursos que envolvem comunicação e expressão, língua materna, língua estrangeira, mas contemplar todos os cursos e disciplinas no desenvolvimento da prática textual. É competência da educação em geral preparar o estudante para o trabalho e, trabalhar hoje compreende a leitura e a escrita, desde um simples bilhete, a digitação de um email, a planilha orçamentária, até um complexo projeto, uma completa monografia, uma laboriosa dissertação, uma complexa tese, como já pontuamos.

O nome do autor não está localizado no estado civil dos homens, não está localizado na ficção da obra, mas na ruptura que instaura um certo número de discursos e seu modo singular de ser. Consequentemente, poder-se-ia dizer que há, em uma civilização como a nossa, um certo número de discursos que são providos da função 'autor', enquanto outros são dela desprovidos. Uma carta particular pode ter um signatário, ela não tem um autor; um contrato pode ter um fiador, ele não tem autor. Um texto anônimo que se lê na rua em uma parede terá um redator, não terá um autor. A função – autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade. (Foucault, 1992, p.12-13).

Nessa citação Foucault esclarece que mesmo no anonimato todo discurso tem uma autoria, uma mensagem a se passar, um objetivo e um leitor para quem será destinada a mensagem e que ela deve ser compreendida.

O avanço do mercado global e das tecnologias está redefinindo a relações entre conhecimento e trabalho. Cada vez mais é exigida do trabalhador a capacidade de uma visão geral de mundo, de polivalência de atitudes e habilidades no meio do trabalho, pois fomos educados para sermos dirigidos por outros respondendo a comandos e liderados por alguém que assume os riscos. Assim surgem os subempregos, os desempregos, os mal remunerados e as oportunidades restritas. O trabalho está cada vez mais ligado ao aprendizado. É papel da escola e mais ainda da universidade levar os graduandos a uma compreensão aprofundada e ampliada do aprender a aprender.

Na contemporaneidade se passou a entender o sinônimo de aprendizado como assimilar e ou acumular informações, e sabemos que não é isso. Aprender é ir muito mais além. Conceber a universidade como lugar de exercício de cidadania e responsabilidade social significa também não debitar a crise e a falta de soluções viáveis exclusivamente à vontade política. Exercer a cidadania pressupõe o apoio às ações de interesse social e a população espera isso da universidade: a melhoria da educação, a promoção da cultura, a saúde preventiva, a assistência comunitária, o incentivo ao esporte, as grandes descobertas tecnológicas, o desenvolvimento de ações concretas de forma sustentável com o meio ambiente, o engajamento humano e solidário nas parcerias sociais, os filósofos, pensadores e autores das teorias que vão embasar as práticas e uma infinidade de outras coisas que se responsabilizam os estudantes e pesquisadores. E para que isso se torne realidade: muitas leituras e escritas terão que brotar !!! Para ilustrar a fala, Freire (1991, p 24): “ a escrita nunca foi uma técnica ingênua ou neutra nem o desenho das letras: tal como qualquer técnica, é uma ferramenta que permite a solução de problemas vitais”.

Esse conhecimento e posteriores alternativas, soluções e mudanças que surgem dos campos universitários é encontrada através de intensas leituras, incontáveis experimentos, e infindáveis escritas, as quais possibilitam a formação de alunos curiosos, instigadores, persistentes e habilidosos na busca incessante do saber.

Para que a produção acadêmica aconteça, assim como em outros níveis de ensino, há que se entrelaçar a teoria e a prática num processo de interação de professores e alunos, professores e coordenadores, embasadas na proposta pedagógica do curso, não priorizando interesse quando se atribui uma nota, mas quando a experiência de escrever é reconhecida pelos envolvidos como ato social, no fazer história quando o autor se reconhece naquele texto, na sua escrita.

Segundo Marques (2001) escrever é buscar eco em palavras de outrem. Ao escrever o sujeito amplia horizontes de sua existência, estabelece vínculos e diálogos, constrói possibilidades de argumentação, de conhecimento de si e do outro. A leitura e a escrita se entrelaçam, são ações distintas que se relacionam, se interligam e o aluno se faz autor quando faz incursões sobre o seu texto, construídas dialogicamente a partir de discursos de outrem e da interação com outros escritos.

Atribui-se à leitura um valor positivo absoluto: ela traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade – forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimentos e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação. (Orlandi *et al*, 2005, p.19).

Na universidade geralmente a escrita tem propósitos funcionais: responder questionários, discorrer sobre questões subjetivas, justificativas de opções. É um exercício acadêmico sem traços de autoria, sem valor interacional, reproduzir ou ainda usar um site de busca para copiar e colar. Sendo a universidade um lugar de formação de cidadãos no sentido integral da palavra se faz premente repensar a atuação dos professores para que a linguagem acadêmica implique no seu uso concreto, efetivo, social e contextualizado, buscando os tais ecos de dizeres de outrem para transformá-los em próprias palavras e a possível constituição da autoria.

A produção textual como prática social na universidade projeta o aluno a focalizar o mundo de diversos ângulos, onde se torna um crítico que percebe a possibilidade de interação com o real e de projetar sonhos para além da sala da aula. (Barthes, 2004).

É premente que o professor do ensino fundamental à universidade repense o fazer pedagógico entre teoria e *práxis* e apreenda a leitura e a escrita como ações socialmente significativas em que o aluno nele possa se reconhecer como autor com satisfação e não com sacrifício no texto, assumindo a responsabilidade da autoria.

Considerações finais

Estes escritos são frutos de muitas leituras, observações, ponderações e debruçar sobre. Eles intencionam provocar reflexões no processo de aprendizagem da leitura e da escrita como responsabilidade social de toda a educação, mas principalmente na universidade.

As análises e pesquisas bibliográficas que versam sobre o tema leitura e escrita vêm refletir sobre essa distorção e descompasso existentes entre esses dois processos que deveriam seguir de forma linear no curso da história da formação do aluno e no produto final como acadêmico.

As atividades de leitura e escrita, nas diversas modalidades, transformadas em ritual burocrático, nos diversos níveis e modalidades de ensino, nas quais o estudante lê sem poder

discutir, responde perguntas mecanicamente e escreve textos buscando concordar com o professor, são atividades sem significado. Proporcionam uma prática alienante e não social dentro do espaço da academia.

Precisamos assegurar na educação superior o incentivo ao estudante ao ato de ler e escrever, que não sejam somente de reconhecimento, mas de conhecimento, que não sejam de mera reprodução, mas de produção científica que venha contribuir para a qualidade de vida da população que espera dos bancos universitários as mudanças sociais.

Referências

ANDRADE, Ludmila Thomé de. **Professores leitores e sua formação: transformações discursivas de conhecimentos e de saberes**. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2004.

BIANCHETTI, Lucídio. **Do escrito ao escrever. Ou: a praxis benincaniana enter Sisifo e Prometeu**. Florianópolis, CED/ UFSC, 1997. (Mimeo.)

FERREIRO, Emília; **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução Horácio Gonzales, 24 ed. Atualizada. São Paulo, Cortez, 2001

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Portugal: Vega, Passagens, 1992.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler – em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez Editora & autores associados, 1991. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v 4) 80 páginas.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **O ensino e a biblioteca**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946. 1ª Conferência da Série “A educação e a biblioteca”, pronunciada na Biblioteca do DASP, em 05/07/1944.

MACHADO, Ana M. Netto. **Presença e implicações da noção de escrita na obra de Jacques Lacan**. Ijuí: Unijuí, 1998. .

MARQUES, Mário Osório. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 4 ed. Ijuí; Ed. Unijuí, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *et al.* **LEITURA perspectivas interdisciplinares**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2005, 115 p.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da Leitura na Escola: pesquisas x propostas**. São Paulo: Ática, 2005, 92 p.